

OS   
AVENTUREIROS

# NA TORRE DA PRINCESA

ISABEL RICARDO

ILUSTRAÇÃO DE CAPA: TIAGO DA SILVA  
ILUSTRAÇÕES DE INTERIORES: ISABEL ALVES

## OS AVENTUREIROS ESTÃO DE VOLTA!

Vem conhecer OS AVENTUREIROS: Bia, João, Daniel, Cris e Tó Jú.

A coleção que transporta os leitores para aventuras excitantes em lugares fantásticos. E, para além de cativar os jovens para a leitura, ainda ajuda à divulgação do património português.

Com narrativas repletas de ação, humor e mistério, estimula a imaginação, e esse é um dos motivos por que os professores a recomendam, principalmente para os 5º, 6º e 7º anos. Cativando diferentes idades, OS AVENTUREIROS já apaixonaram milhares de leitores desde 1999, que se tornaram fãs incondicionais e transmitem essa paixão às novas gerações.

Junta-te aos AVENTUREIROS e mergulha nestas aventuras empolgantes.

Mas, cuidado: não vais conseguir parar de ler!

Para saberes mais sobre estes jovens destemidos, consulta a página da autora: [www.isabelricardo.com](http://www.isabelricardo.com) e visita a página de Facebook:

[www.facebook.com/SerieOsAventureiros](https://www.facebook.com/SerieOsAventureiros)

E-mail para leitores: [aventureiros@isabelricardo.com](mailto:aventureiros@isabelricardo.com)

E-mail para professores: [encontroscomaautora@isabelricardo.com](mailto:encontroscomaautora@isabelricardo.com)





## PREFÁCIO

Queridos amigos, cá estou eu novamente com outra aventura.

Desta vez fui para Bragança, a pedido de alguns leitores, e apaixonei-me por aquela zona. É simplesmente fantástica. Desafio-vos a visitá-la logo que tiverem oportunidade. Tenho a certeza de que irão gostar bastante!

Quanto à espada do nosso querido Dom Afonso Henriques, depois de muito investigar, descobri-a no Museu Militar do Porto, o que me encheu de satisfação, como devem calcular... Afinal não era tão pesada como se julgava. Naqueles tempos também eram usados os montantes, lâminas compridas que tinham de ser manejadas com as duas mãos. É, pois, muito natural que quando as pessoas se referiam ao peso da espada de D. Afonso Henriques, se referissem ao montante e não à espada.

Aquilo que consegui descobrir sobre ela e me foi amavelmente fornecido pelo dito Museu é o seguinte:

Peso da espada: 1145kg — Comp. da espada: 99cm  
Comp. da lâmina: 83cm — Largura da lâmina: 5cm

Quanto ao escudo, ninguém sabe o que lhe aconteceu. Desconfia-se que tenha sido roubado durante a extinção das ordens religiosas. Nessa altura houve roubos e nunca mais se soube dele. É de calcular que até essa altura ele continuasse bem guardado pelos monges do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra.

Tenho de expressar aqui o meu agradecimento especial ao Diretor do Museu Militar do Porto, o Coronel M. J.

Pereira de Carvalho, que amavelmente me autorizou a tirar fotos com a espada de D. Afonso Henriques, para que vocês pudessem ver que ela existe mesmo e é um tesouro nacional. Foi uma experiência tão emocionante que ficará para sempre gravada na minha memória. Saber que tive o privilégio de ter nas mãos a espada do nosso primeiro Rei de Portugal, o *Conquistador*. Desafio-os a todos a visitarem esse Museu e verem pelos vossos próprios olhos os tesouros lá expostos. Garanto-vos que irão adorar!

E o meu agradecimento ao 1º Sargento Luís Silva, do Museu Militar do Porto, pela simpatia com que me recebeu e colaboração prestada, tirando-me fotografias fabulosas com a espada de D. Afonso Henriques.

Como nos livros anteriores, o divertimento está garantido. OS AVENTUREIROS NA TORRE DA PRINCESA está recheado de ação, aventura... e muitas gargalhadas.

Um abraço da vossa amiga.

A handwritten signature in cursive script, reading "Isabel Ricardo". The signature is written in black ink and is positioned in the lower right quadrant of the page.

Um abraço grande aos alunos e professores do Colégio Dinis de Melo, Amor, Colégio Bartolomeu Dias, Sta. Iria da Azóia, E.B. 2,3 do Peso da Régua, E.B. 2,3 de Miragaia, Lourinhã, E.B. 2,3 Maria Veleda, Sto. António dos Cavaleiros, E.B. 2,3 de Poceirão, Palmela, E.B. 2,3 do Castelo, Sesimbra, e ao Centro de Estudos Imaginarium, Caldas da Rainha.

Às Escolas Básicas do concelho de Caldas da Rainha: A-dos-Francos, Salir de Matos, S. Gregório e Centro Escolar de Sto. Onofre. À Escola Básica do Zambujal, em Sesimbra. Às de Poceirão, Águas de Moura e Cajados, em Palmela. E.B.1 Artur Alves Cardoso, em Caneças. Ao Centro Escolar de Porto Alto e E.B.1 das Acácias, em Samora Correia.

O meu agradecimento às Bibliotecas Municipais de Alcácer do Sal, Alcobaça, Cadaval, Caldas da Rainha, Loures, Mortágua, Samora Correia, Seixal e também às Bibliotecas de Belém, de Marvila, Camões, Maria Keil e Nazaré pelas iniciativas espetaculares.

O meu carinho especial para a pequenada entusiasta e professores fantásticos da Escola Básica de Sto. Antão do Tojal, de cuja biblioteca sou madrinha, e às outras Escolas Básicas do concelho de Loures por onde andei: Prior Velho, Á-das-Lebres, Manjoeira, Bobadela, Loures, Fanhões, Frielas e nº 2 de Loures.





## CAPÍTULO I

### *Férias à vista!*

— Já sabes alguma coisa, Daniel? — perguntou Cris, com — Jar ansioso. A irmã estava encostada a ele, tentando não perder pitada do que o primo dizia do outro lado do telefone e é claro que *João*, o seu corvo inseparável, se encontrava empoleirado no seu ombro, com a cabeça de lado, parecendo também muito atento à conversa. O rapaz tentou enxotá-lo, mas sem grande êxito.

— Não! Ainda não conseguimos descobrir nada.

«Mentiroso!»

Do outro lado do telefone fez-se um silêncio de surpresa por breves segundos.

— Hã...? É verdade! Não consegui mesmo descobrir nada!

«Mentiroso! Grande aldrabão!»

Cris franziu o sobrolho e deu um piparote no bico de *João*, para sua grande desfeita.

— Olha lá, Cris, eu não estou a mentir! Por que cargas d'água faria eu isso? É verdade! — exclamou Daniel, já todo abespinhado.

— Calma, Daniel! Não fui eu! Foi o safado do *João*!

«Ora vejam! Mariola! Mentiroso! Grande aldrabão! Vai-te encher de moscas, Cris!»

Ouviram-se gargalhadas estrondosas dos rapazes, do outro lado do telefone, que o corvo logo tratou de imitar, terminando com uma bicada no telefone. Metia-lhe confusão como é que a voz de Daniel saía daquela coisa vermelha.

«Maroto! Grande patife!»

— *JOÃO!* Meu *ganda* maluco! Cada vez estás pior! — disse Daniel, aos risinhos. — Desanda daí e deixa-me falar com o Cris!

«Ora vejam só! Mariola! Vai-te encher de moscas! Meu *ganda* maluco!»

Cris deu-lhe um empurrão e afastou-se com o telefone, seguido por Bia que estava morta de riso, ainda mais ao ver a cara de poucos amigos do irmão por causa dos disparates do corvo.

— Este pássaro está cada vez pior... — resmungou Cris, franzindo o sobrolho e provocando ainda mais gargalhadas de ambos os lados.

*João* desatou aos soluços, cada vez mais violentos, sem



despegar dele os olhitos muito vivos e espertos. Adorava aborrecê-lo. Terminou com um espirro descomunal que fez o rapaz saltar de susto.

— E vocês, Cris? Descobriram alguma coisa?

— Nada! Bem... já por várias vezes apanhámos os nossos pais a discutir baixinho, mas logo se calam quando nos aproximamos. A mãe parece decidida a não nos deixar ir ter convosco.

— OH! A nossa mãe diz o mesmo! — comunicou Daniel, no cúmulo da desolação. — Será que elas têm mesmo coragem de nos fazer uma maldade destas?!

— É uma chatice esta incerteza!

— Então não sabem onde vão passar as férias do Carnaval?

— Costumamos ir sempre passá-las à Nazaré, a casa da avó. A mãe só gosta de passar o Carnaval aí. Mas parece que o pai tem de ir a um lado qualquer... — informou Cris, aborrecido.

— Então quer dizer que nos podemos ver, pelo menos?

— Não sei, Daniel — respondeu Cris, hesitante. — Esperemos que sim.

— Com certeza que não nos vão proibir de nos vermos, estando na mesma terra... — observou Daniel, quase indignado.

— Espero bem que não.

— A mãe chegou! Agora tenho de desligar. Depois falamos!

Cristina, a mãe de Tó Jú e de Daniel, entrara na casa carregada com dois sacos de compras. Olhou para eles e imediatamente percebeu o que lhes ia na cabeça.

— Podem tirar o cavalinho da chuva, meus meninos! Nestas miniférias não vos vai acontecer nada de mais excitante do que levarem com um balão de água na tola, ou então serem assustados por algum mascarado...

Os filhos olharam para ela desconsolados, mas a mãe não demonstrou dó e entrou no quarto de banho, saindo depois com as mãos vazias e com uma embalagem de amaciador para a roupa.

Eles seguiram-na para a cozinha, cheios de curiosidade e contendo-se para não desatarem a rir.

Cristina era motivo de divertimento na família por ser muito distraída, arrumando as coisas nos sítios mais incríveis.

Viram-na abrir o frigorífico e enfiar a embalagem numa prateleira, ao lado de duas garrafas de sumo, e riram-se à so capa. A mãe voltava a fazer das dela.

— Matam-nos de preocupação, sempre a meterem-se com os piores bandidos que aparecem por aí! Nem sei como é que ainda não lhes aconteceu nada de pior... Têm tido muita sorte — ia dizendo ela, agarrando em meia dúzia de batatas e largando-as no lava-loiça. Depois pegou na concha da sopa, não se sabe bem porquê... e abriu o congelador...

De repente, a concha saltou-lhe das mãos e voou janela fora...

Ouviu-se ganir dolorosamente e eles correram para a janela.

— Acertaste no cão da Regina, mãe — informou Tó Jú, morto de riso.

O animal corria para a casa, ganindo e com o rabo entre as pernas. Não ganhara para o susto! Sinceramente, cair-lhe do céu uma coisa daquelas em cheio na cachola...

— Não sei como é que conseguiste fazer isso. A concha passou o muro e foi espetar-se na mioleira do desgraçado *Tor!* És uma ameaça ambulante, mãe!

Cristina riu-se.

— Ainda bem que foi só a concha.

— Pois, pois... — respondeu Tó Jú, rindo. — Imaginem se fosse uma panela!

— Coitado do cão! Deve ter ficado com um galo à maneira! Tão cedo não sai à rua, de certeza, com medo que lhe caia uma frigideira em cima!

Cristina sorriu, enquanto olhava distraída para todos os lados.

— Comprei uma embalagem nova de amaciador e não sei onde a pus... Tenho de pôr a roupa a lavar. E também não consigo encontrar as cebolas...

O marido entrou na cozinha a tempo de a ouvir.

— Não as terás deixado no supermercado? Já não é a primeira vez — lembrou ele, com um sorriso.

— Não. Lembro-me de entrar em casa com os sacos. Estão ali na cadeira, ‘tás a ver? *Vaziosinhos da silva!*

O pai trocou um piscar de olhos trocista com os filhos.

— Por que não experimentas ver se o enfiaste no sítio habitual?

— Onde? — perguntou ela, vivamente.

— No frigorífico — respondeu ele, mexendo no botão do esquentador. — Vou tomar um banho rápido.

Cristina fez um ar incrédulo e abriu-o. Retirou de lá a embalagem, muito caladinha.

— E então? Estava lá? — perguntou o marido, contendo-se para não desatar às gargalhadas ao ver o seu ar culpado.

— Ah... sim... estava...

Eles não aguentaram e desmancharam-se a rir.

— E as cebolas...?

— As cebolas não estão aqui.

— Já procuraste dentro da máquina de lavar? — perguntou o marido, saindo da cozinha.

— Já! E dentro do forno também! — respondeu ela. Olhou com ar de provocação para os filhos. — Parem lá com a risota e venham ajudar-me a procurar, que preciso das cebolas para fazer o refogado para o jantar. Vamos ter visitas.

— Quem? — perguntou Daniel, curioso.

— O Miguel e a família.

— O QUÊ? — exclamaram eles, excitados. — A Bia e o Cris vêm p'ra cá?

— Não! Vêm só jantar! Mas onde é que eu enfiei as cebolas? — resmungou, muito atarantada, dando uma espreitadela para dentro do caixote do lixo. Depois abriu a porta do congelador. — Ná! Também não estão aqui! Ora esta! Que vida a minha! Vou ter de ir comprar mais cebolas e sem necessidade nenhuma...

Quim entrou na cozinha, sorrindo. Trazia várias cebolas nas mãos.

— Estás a falar sozinha, Cristina? É disto que andas à procura?... — perguntou ele, com um ar sério.

Cristina olhou-o, admirada.

— As minhas cebolas! Encontrei-as! Onde é que estavam?

— Dentro da banheira, todas espalhadas. Chegaste ao cúmulo até de as tirares de dentro do saco! — comentou, rindo.

— Cada vez estou pior! Não há explicação! — exclamou ela, com várias cebolas dentro do avental. — E vocês os dois, parem de se rir de mim como se fossem parvinhos e tragam as outras!

Os filhos assim fizeram, sem parar de rir. Mal podiam esperar pela chegada dos primos e do travesso corvo.



## CAPÍTULO II

*Bia, Cris e João...*

— **D**ANIEL! JÁ CHEGARAM!  
O rapaz correu a juntar-se ao irmão à janela.

Bia e Cris já estavam fora do carro e acenaram-lhes alegremente. *João* de imediato voou para junto deles, deliciado.

«Mentiroso! Grande aldrabão! Meu *ganda* maluco! Não me digam!»

Os rapazes fizeram-lhe festas, encantados.

Ana Maria, a mãe de Bia e Cris, saía do carro com um enorme e apetitoso *molotof* quase a rebentar pelas costuras com tanto creme. Daniel e Tó Jú ficaram logo com água na boca. Ela desviou-se apressadamente do corvo, que lhe fez uma tangente perigosa, desejoso de o provar, guloso como era...

— Estava a ver que nunca mais chegavam! O Daniel por pouco desatava a roer as unhas dos pés... — observou Tó Jú, sorrindo. Era um rapaz muito simpático, sempre bem-humorado.

Bia riu-se.

— Para grande desgosto do pai, tínhamos de vir mais devagar do que o costume, por causa do *molotof*. A mãe estava sempre a ralhar com ele nas curvas. Por duas vezes o *molotof* correu o risco de se estampar no chão, o que seria uma calamidade! E o *João* ainda era quem ralhava mais. Haviam de o ter visto a imitar a mãe a ralhar com o pai. Parecia mesmo chateado com ele!

— Pudera! O *João* sabia bem o que fazia, senão arriscávamo-nos a ficar sem o nosso rico *molotofezinho*. E se ele é apetitoso...! — observou Daniel, lambendo os lábios de antecipação. — Mal posso esperar pelo jantar...

— Conseguiram descobrir mais alguma coisa? — perguntou Tó Jú, baixando o tom de voz, para não ser ouvido pelos adultos.

Cris acenou negativamente com a cabeça.

Bia puxou-os para um canto.

— Vocês acham que os nossos pais cumprem o prometido?

Os outros três olharam sobressaltados para a rapariga.

— O que queres dizer?

— Esqueceram-se do aviso que o pai nos fez na Serra da Estrela? — perguntou ela, baixinho. — Se nos metêssemos em nova aventura, as nossas mães não voltavam a deixar-nos passar férias juntos. E vocês bem sabem o que aconteceu...

Olharam uns para os outros, pesarosos.

— Mas... estando na mesma terra, com certeza não nos proibem de ficarmos juntos! — disse Daniel, esperançoso. — Isso é muito injusto!

Ficaram um pouco murchos após aquela conversa. A incerteza era deveras angustiante.

Tiveram de esperar até depois do jantar para porem a conversa em dia, no quarto de um dos primos. A única novidade que tinham ficado a saber durante a refeição era que Miguel não ficaria na Nazaré com a mulher e os filhos. Ia a Bragança e não sabiam bem a razão. Ele parecera muito misterioso.

Estavam a falar acerca disso mesmo quando Miguel apareceu à entrada do quarto e bateu levemente na porta. Levantaram a cabeça, sobressaltados. *João* logo lhe voou para o ombro, cumprimentando-o como se já não o visse há anos...

«Oo-láá! Feliz Natal! Macacos me mordam! Maroto!»

— Meu grande pirata! Cada vez estás mais maluco! — disse Miguel, coçando-lhe a cabeça, bem-disposto.

— Tio, o que vai fazer a Bragança? — perguntou Daniel, com os olhos a brilhar de curiosidade.

Ele fez uma careta.

— Hum! Nada de especial. Preciso só de ir lá e gostava de companhia... Já sabem que a Ana Maria não perde o Carnaval de cá. Basta saberem que lhes vou pedir para vos deixarem ir comigo... — informou, em voz baixa.

Os jovens desataram aos gritos de entusiasmo e Miguel fez-lhes sinal para se calarem.

— Não sei se consigo alguma coisa... As vossas mães parecem muito decididas. Torçam por mim!

Viram-no sair, acabrunhados. Nem se riram com a série de espirros e arrotos de *João*, que olhou para eles, meio amuado.

Pouco tempo depois, Daniel levantou-se subitamente.

— Onde vais? — perguntou Bia, olhando para ele.

— Vou... vou à casa de banho...

Tó Jú olhou-o, um pouco desconfiado. O irmão estava com cara de caso.

Daniel saiu num ápice antes que ele lhe dissesse alguma coisa, pois bem percebera pela sua cara que ficara desconfiado.

Passou ao lado do quarto de banho. Desceu as escadas, silenciosamente e de ouvido alerta. Lentamente, aproximou-se da sala. Ouvia vozes vindas de lá.

Com a cara um bocadinho vermelha, pôs-se à escuta, o mais perto possível.

— Bem sei que tínhamos combinado que os miúdos não passavam juntos estas férias, mas estarão comigo. Além disso, estando os quatro na mesma terra, é muito difícil que não se encontrem, não é verdade? Pelo menos estarei sempre de olho neles.

Daniel arrebitou as orelhas, excitado, mas ouviu barulho e correu escada acima, com receio que o descobrissem.

Entretanto, na sala...

— Não há perigo nenhum no que eu vou fazer. Só vou

vigiar uma pessoa. Perderam-lhe o rasto nos arredores de Bragança. Eu só vou para me certificar se ela anda mesmo por lá ou não... Se a vir, só tenho de contactar os meus serviços e mais nada. E são eles que tratarão disso. A minha missão é só essa. Registrar o que descobrir e vigiar os seus passos. Nada mais! Por isso não precisam de se preocupar. Vai ser uma verdadeira pasmaceira...

Cristina olhou para ele, duvidosa.

— Não sei bem...

— Se eu for sozinho, podem desconfiar de mim, enquanto que se for com uma data de crianças, jamais suspeitarão daquilo que estou mesmo a fazer. E os miúdos iriam adorar o passeio. Além de conhecerem Bragança, que é uma cidade lindíssima, terão o privilégio de visitar uma exposição estupenda e passar quatro dias na Pousada da Juventude. Imaginem só a alegria deles! — disse Miguel, olhando para Quim.

— E pensem só nos dias de descanso que vocês iriam ter, sem os miúdos por perto... Bem precisam de umas feriazinhas — observou Quim, piscando o olho ao outro, com ar conspirador.

Cristina e Ana Maria trocaram um olhar, hesitantes, e depois sorriram.

— Pronto. Está bem.

Miguel sorriu, satisfeito.

— Vamos dar-lhes a notícia.



Cris olhou ansiosamente para cada um deles.

— Vocês pensam que as nossas mães cumprem a ameaça?

— Desconfio que sim... — respondeu Tó Jú, com ar solto. — Pareceu-me que falavam a sério.

Daniel cruzou os braços, aborrecido.





— Não acredito. Tenho a certeza de que o tio Miguel as convencerá.

Tó Jú abanou a cabeça.

— Não te fies muito nisso, Daniel. A mãe e a tia parecem estar decididas.

Cris franziu o sobrolho, aborrecido.

— Bolas! Nós não temos culpa que os sarilhos venham ter connosco!

«Bolas! Bolas! Bolas! Caramba! Macacos me mordam!»

— Vai ser uma seca passar as férias sem vocês... — murmurou Bia, num fio de voz.

Miguel surgiu à entrada da porta e eles calaram-se. Cristina vinha atrás com um ar muito sério, apertando-lhes o coração.

— Não sei se se lembram do que vos foi dito nas férias passadas<sup>1</sup>... — começou ela.

Os quatro baixaram a cabeça, acabrunhados. *João* imitou-os e baixou a cabeça também, parecendo solidário. Mas estragou tudo depois ao pôr-se a abanar a cabeça para um lado e para o outro como se tivesse enlouquecido. Miguel teve de virar a cara para o lado para que não vissem a enorme vontade de rir que tinha. Aquele corvo realmente era um ponto!

— Desta vez não passarão as férias sozinhos. Foi decidido entre todos que não ficarão juntos sem terem um adulto a tomar conta de vós.

— OH!

Miguel sorriu-lhes.

— Mas nós também sabemos que vocês não tiveram culpa dessa vez e sentimos que vos estamos a castigar. Portanto, têm uma escolha a fazer: ou ficam cá todos e não poderão andar juntos como de costume, pois as vossas mães não estão para andar sempre atreladas a vós, a vigiar-vos; ou acompanham-me a Bragança, pois tenho de lá ir por uns dias — comunicou ele, observando-os um por um. Depois fixou os olhos nos filhos. — Bem sei que queriam passar o Carnaval

---

<sup>1</sup> N° 6 da coleção: *Os Aventureiros na Serra da Estrela*. (Nota da Autora)

com os vossos primos, na Nazaré, mas isso é de todo impossível. Ou acompanham-me os quatro, ou ficam cá, mas separados...

Os jovens olharam uns para os outros, ainda sem conseguirem alcançar bem o significado de tudo.

Miguel sorriu.

— Sim! Foi isso mesmo que perceberam, cambada! Podem passar juntos estas férias, desde que sejam vigiados por mim.

— BESTIAL!

Desataram aos saltos, mal podendo acreditar na sua sorte. Aquilo era muito melhor do que ficarem separados, pois adoravam a companhia de Miguel que era um verdadeiro camarada.

O adulto sorriu, satisfeito com a alegria deles.

— FIXE, TIO! Já estávamos a pensar que nos desterravam para algum canto!

Miguel soltou uma gargalhada que *João* imitou com a maior perfeição.

Cristina olhou para eles, meio desconfiada.

— Ainda continuo a achar que o Tó Jú e o Daniel deviam ficar cá...

— OH, MÃE...!

— Não sejas tonta, Cristina! Que queres que lhes aconteça na minha companhia?

— Por acaso já te esqueceste do que aconteceu quando os levaste às Berlengas<sup>2</sup>? — perguntou, em tom de desafio.

Os primos sofreram um sobressalto.

— Bem... isso foi diferente... A culpa foi minha. Nunca os devia ter deixado sozinhos. E não torno a fazer isso. Se tivesse de me ausentar, levá-los-ia atrelados a mim, podes ter a certeza disso — afirmou Miguel, olhando distraído para *João* que estava a esconder qualquer coisa dentro

---

<sup>2</sup> N.º 4 da coleção: *Os Aventureiros na Ilha Misteriosa*. (N. da A.)

de uma pantufa. — Além de que aquilo também aconteceu porque havia uns tipos que me queriam apanhar a todo o custo. Mas, felizmente, agora estão bem presos, por isso não corremos esse risco. Podes ficar descansada. Estes dias serão tão tranquilos que vais ver que os quatro virão de lá aborrecidos.

Cristina olhou-o, incrédula.

— Veremos... Depois conversamos.

— Não confias em mim?

— Em ti confio, mas neles não. Nada me tira da ideia que eles se metem nesses trabalhos de propósito...

Os jovens olhavam de um para o outro, com o coração nas mãos.

Por fim Cristina saiu e Miguel espetou o polegar direito, com satisfação.

— Malta, está o assunto arrumado. Vocês vão comigo! — decidiu ele, piscando-lhes um olho alegremente.

Atiraram-se-lhe ao pescoço, loucos de alegria, derrubando-o. *João* ajudava à missa, soltando gritinhos, ao mesmo tempo que dava soluços que pareciam mesmo verdadeiros.

Miguel levantou-se com dificuldade, alisando o cabelo.

— Calma, não demonstrem assim tanto entusiasmo, senão, às tantas, as vossas mães ainda voltam atrás... Se querem mesmo ir comigo, tratem de arranjar as vossas coisas, porque eu tenho de partir muito cedo. Bragança fica bastante longe.

Os quatro amigos deram um abraço em grupo, delirantes, e ele saiu a rir.

— Boa!

— Bestial!

— Vou ter pena de não passarmos o Carnaval cá, mas sempre é melhor irmos conhecer um lugar novo! Podemos não ter outra oportunidade tão cedo, enquanto que carnavais há muitos!

— Apoiado!

«Apoiado! Mentiroso! Grande aldrabão!»

— Tu é que és, meu palerma! — replicou Daniel, rindo e coçando-lhe a cabeça, radiante.

Uns minutos mais tarde, Bia e Cris já haviam ajudado os primos a juntar em duas mochilas a roupa de que precisavam para a curta estadia em Bragança.

— Quando chegarmos a casa da avó, tratamos das nossas — declarou Bia, com os olhos a brilhar. — Ouviste, *Joãozinho*? Vamos p'ra Bragança!

*João* começou a baloiçar-se de um lado para o outro, encantado com as palavras novas.

«Vamos p'ra Bragança! Mentiroso! Grande aldrabão! Macacos me mordam! Vamos p'ra Bragança!»

Desataram todos a rir.

Algum tempo depois, despediram-se uns dos outros, extremamente excitados. Os rapazes ficaram à janela ainda alguns minutos.

— Que bom tudo se ter resolvido pelo melhor — desabafou Daniel, com o rosto iluminado de satisfação.

— Sim. Mas agora é melhor irmos dormir. Temos de nos levantar muito cedo e estar prontos quando eles nos vierem buscar. Que fixe!

— Bestial! Que ricas feriazinhas!

Daniel saltou para o chão. Estava convencido de que não iria conseguir dormir nada, tal a excitação que sentia.

*Espero que deparemos com uma aventura bem apetitosa e suculenta!*, pensou ele, com os olhos a brilhar de entusiasmo e antecipação.

Em menos de cinco minutos já estavam ferrados no sono.

Veremos se os teus desejos foram ouvidos, Daniel. Suspeito bem que sim...